

USO DE EQUIPAMENTO DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL ENTRE FUMICULTORES DO SUL DO BRASIL

RENATA AUGUSTA DE SOUZA AGUIAR¹; FERNANDA LORENA DE SOUZA²;
RODRIGO DALKE MEUCCI³; ANACLAUDIA GASTAL FASSA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – renataaugustaufpel@gmail.com

² Universidade Federal do Paraná – fer.sza@hotmail.com

³Departamento de Medicina Social– rodrigodalke@gmail.com

⁴Departamento de Medicina Social– anaclaudia.fassa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, segundo dados do Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO, a agricultura familiar representa 85,2% do total dos estabelecimentos, que ocupam 30,5% da área total e são responsáveis por 37,9% do Valor Bruto da Produção Agropecuária Nacional. O trabalho na fumicultura, por exemplo, é artesanal e baseado na agricultura familiar, envolvendo, cerca de 101.020 famílias de pequenos produtores no Rio Grande do Sul (COMISSÃO DE REPRESENTAÇÃO EXTERNA DE FUMICULTURA DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL, 2006).

Dentre os problemas enfrentados pelos fumicultores, destacam-se os agrotóxicos, os quais têm impactos agudos e crônicos à saúde dos trabalhadores expostos. De acordo com a literatura, trabalhadores que não fazem uso de equipamentos de proteção individual (EPI), apresentam um risco significativamente aumentado de intoxicação por agrotóxicos em relação àqueles que utilizam estes equipamentos com maior frequência (KIM et al 2013).

No entanto, a quantidade e a qualidade das informações que chegam até os agricultores, não possibilitam que tomem as devidas precauções em relação ao uso dos agrotóxicos, principalmente em relação aos EPI's (GUIVANT 2003).. , O não uso de EPI é frequente, sendo que 10 a 40% dos agricultores não utilizam EPI em nenhum procedimento com agrotóxicos. Evidencia-se maior uso entre agricultores mais jovens e com maior instrução técnica do produto. MACFARLANE; CHAPMAN et al (2008)

Desta forma, esse trabalho objetiva analisar a prevalência de uso de EPI entre fumicultores do município de São Lourenço do Sul.

2. METODOLOGIA

O estudo faz parte de uma pesquisa de delineamento transversal que avaliou diversos desfechos relacionados à saúde de fumicultores no município de São Lourenço do Sul, no estado do Rio Grande do Sul. A coleta de dados foi realizada no período da colheita do fumo, janeiro a março de 2011.

Entrevistaram-se 2570 fumicultores que foram questionados sobre o uso de determinados EPI, tais como: calçado fechado ou bota, roupa impermeável, luvas, máscara e chapéu. A variável "uso de todos os EPI" foi criada a partir da soma de todos os outros EPI; foram considerados como "nunca usam EPI" aqueles que não usavam nenhum EPI e como "usa sempre", aqueles que disseram sempre usar todos os EPI; os demais, foram considerados de uso irregular.

A análise do uso de EPI foi estratificada por sexo e idade, sendo que para análise da significância estatística, foi utilizado o teste qui-quadrado de heterogeneidade para diferença de proporções.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando se trata do uso de equipamentos de proteção individual estratificada por sexo, em relação ao uso de calçado fechado ou bota 18,9% dos homens e 41,5% das mulheres não usam. Por outro lado, 53,3% dos homens e 37,2% das mulheres usam sempre. Sobre a roupa impermeável, 27,6% dos homens e 54,6% das mulheres não usam, enquanto 41,4% dos homens e 27,2% das mulheres usam sempre. Relativo ao uso de luva, 39,8% dos homens e 51,9% das mulheres não usam, enquanto 39,7% dos homens e 37,7% das mulheres usam sempre. Sobre o uso de máscara, 59,6% dos homens e 80,6% das mulheres não usam e 22,6% dos homens e 13,4% das mulheres usam sempre. Em relação ao uso de chapéu, 16,6% dos homens e 29% das mulheres não usam, enquanto 75,6% dos homens e 68,2% das mulheres usam sempre. Sobre o uso de todos os EPI, 5,9% dos homens e 20,1% das mulheres nunca usam EPI, enquanto 12,9% dos homens e 8,6% das mulheres usam sempre. Em relação ao uso repetido da mesma roupa para aplicar agrotóxicos, 22,9% dos homens e 10,2% das mulheres reutilizam por 2 dias ou mais. Sobre o uso de EPI para entrar na lavoura após aplicação de agrotóxicos, apenas 10,6% dos homens e 14,6% das mulheres usam. Foi avaliada ainda a frequência do uso de EPI's para aplicação de agrotóxicos entre fumicultores de acordo com sexo e idade. Em relação ao uso de calçados fechados e botas, observa-se que 20,3% dos homens, de 15-29 anos, não usa o equipamento, em comparação a 52,5% das mulheres. Na mesma faixa etária, 50,5% dos homens usam calçados fechados sempre, em comparação a 26,5% das mulheres. Em indivíduos do sexo feminino, acima de 40 anos, a porcentagem de mulheres que não usam o equipamento chega a 40,7% em comparação a 19,8% dos homens na mesma faixa etária. Já as mulheres, acima de 40 anos, que usam o equipamento sempre correspondem a 40,3% em comparação a 54,9% dos homens na mesma faixa etária. Verifica-se, portanto, que mulheres mais jovens e mais velhas se protegem menos.

Foram avaliados ainda o uso de máscaras, uso de chapéus, uso de todos os EPI's, uso da mesma roupa para aplicação de agrotóxicos por dois dias ou mais e o uso de EPIs para entrar na lavoura após a aplicação de agrotóxicos. Em todos os casos, o número de mulheres que não utilizavam equipamentos ou utilizavam de maneira inadequada foi maior que os homens, e observou-se ainda uma alta proporção de mulheres jovens, de 15-29 anos, que não fazem uso de

nenhum equipamento. As mulheres de 30-39 anos são as que mais se protegem. O cenário do uso dos EPIs é preocupante em ambos os sexos, porém apresenta-se pior em mulheres mais jovens, dos 15-29 anos, e mais velhas, acima dos 40 anos.

O baixo uso de EPI's encontrado entre os fumicultores foi estudado também em Jacinto Machado-SC (NUNES, GEZZIANO CÓRDOVA 2010), trabalho esse que ordenou os principais fatores que dificultam e desfavorecem a aquisição e uso do EPI na produção de fumo, dentre eles desconforto, custo, dificuldade para trabalhar, falta de treinamento e maior experiência no uso de agrotóxicos.

Em relação ao menor uso de EPI pelas mulheres, tais resultados são influenciados por normas socioculturais, tais como a divisão do trabalho nas famílias. As mulheres, na maioria das vezes, são menos expostas ao trabalho de preparar e aplicar os agrotóxicos e pesticidas, dessa forma, veriam como desnecessário o uso ou teriam pouco treinamento visto o pouco tempo que dispensam a esse trabalho especificamente. (MEEKER, B. J., A. CARRUTH, ET AL. 2002). (DUELL, E. J., R. C. MILLIKAN, ET AL. 2000)

4. CONCLUSÕES

Este estudo mostrou baixa prevalência do uso de EPI entre os fumicultores de São Lourenço do Sul, especialmente entre as mulheres. Estes achados mostram a necessidade de melhor investigar os motivos pelos quais os fumicultores não aderem ao uso de EPI. Da mesma forma, é preciso repensar a necessidade da exposição continuada aos agrotóxicos e rediscutir o modelo agrícola baseado no uso intensivo de produtos potencialmente danosos à saúde.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CARNEIRO, W. M. A. Pluriatividade na agricultura familiar: o caso do pólo de desenvolvimento de agronegócios cariri cearense. 2006. 152f. Dissertação (Mestrado) – Pos Graduação em Economia Rural, Departamento de Economia Agrícola, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp005349.pdf>, acessado em 20 de junho de 2015.
2. FURLONG, M., C. M. TANNER, et al. (2015). "Protective glove use and hygiene habits modify the associations of specific pesticides with Parkinson's disease." *Environ Int* 75: 144-150.
3. GUIVANT, J. S. Pesticide use, risk perception and hybrid local knowledge: a case study from southern Brazil. *International Journal of Food and Agriculture*, Vol.11, N. 1, 2003. 29p. Disponível em <http://ijsaf.org/archive/11/guivant.pdf>, acessado em 20 de junho de 2015.
4. KUM, J. H., J. Kim, et al. (2013). "Work-related risk factors by severity for acute pesticide poisoning among male farmers in South Korea." *Int J Environ Res Public Health*
5. MACFARLANE, E., CHAPMAN A., et al. (2008). "Training and other predictors of personal protective equipment use in Australian grain farmers using pesticides." *Occup Environ Med* 65(2): 141-146.
6. SPIES, A. Desafios e oportunidades para o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar. *Revista Agropecuária Catarinense*, Florianópolis, v.23, n.2, p.15, julho de 2010.
7. TRAPÉ, ÂNGELO ZANAGA et al. (2011) "Safety in pesticides use and farmworkers health effects in Campinas (SP), Brazil" *Rev Bras Med Trab*.2011;9(1):10-4
8. NICOL, A. M. AND S. M. KENNEDY et. al. (2008). "Assessment of pesticide exposure control practices among men and women on fruit-growing farms in British Columbia." *J Occup Environ Hyg* 5(4): 217-226.
9. COMISSÃO DE REPRESENTAÇÃO EXTERNA DE FUMICULTURA DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL, 2006